

Bíblia e sexualidade: o texto no seu contexto **2**

Humberto Robson de Carvalho*

Em todos os povos, crenças e culturas, encontra-se algum tipo de relação entre a sexualidade e o sagrado. Na fé do povo da Bíblia essa relação é marcante.

A sexualidade da criatura humana é tratada na Bíblia como obra perfeita. Não é cópia da sexualidade divina, mas uma realidade própria, terrestre, pertencente a este mundo criado por Deus por amor e para o amor. O Deus da Bíblia é um Deus criador espetacular: cria homens e mulheres à sua imagem e semelhança. Se assim são criados, homens e mulheres possuem uma mesma natureza, uma mesma complementaridade. Conseqüentemente, podem e devem estabelecer um diálogo verdadeiro, comprometido e vivificador (Forcano, 1996, p. 95).

Este estudo visa apresentar uma dimensão sexual no texto bíblico, partindo do pressuposto de que a leitura bíblica exige contextualização da narrativa, qualquer que seja o assunto tratado. Cuida em não perder de vista que a preocupação dos autores sagrados é com a mensagem, e que o texto em seu contexto deve estar a serviço dela.

* Sacerdote, educador sexual e mestre em educação. Diretor do Colégio São Paulo e pároco da Paróquia São Francisco Xavier em São Paulo.

Recebido em 25.10.00

Aprovado em 05.11.00

Os textos sagrados resultam da tradição oral e inadvertidamente há uma tendência em considerá-los como se fossem histórias factuais.

É necessário que sejam lidos à luz do contexto sócio, econômico, político, cultural e religioso da época em que foram escritos. Desse modo, para se compreender os que se referem à sexualidade ou a qualquer outro assunto é preciso situá-los em tal contexto, pois o significado de suas mensagens decorre não da singularidade dos fatos relatados, mas da globalidade do contexto bíblico.

Especificamente no que se refere ao Antigo Testamento como fonte de consulta bíblica estão sendo considerados alguns versículos do livro do Gênesis e do Cântico dos Cânticos. O livro do Gênesis é especialmente importante para a análise da questão da sexualidade por ser o referencial bíblico sobre a criação do homem e da mulher. Esse texto também revela a "intenção" de Deus sobre o ser humano: ser sua imagem, na dualidade sexual (masculino e feminino). Nele a sexualidade humana é tratada como abertura para o outro. O Cântico dos Cânticos, por sua vez, é um texto que se volta à dimensão humana da sexualidade e do amor. Nele a sexualidade e o prazer não são instrumentalizados em vista de um fim. O corpo é assumido como expressão da pessoa por inteiro.

E OS DOIS SERÃO UM...

A narrativa da Criação, no livro do Gênesis, não é um tratado científico, mas um poema sobre a origem do universo e do ser humano, como homem e mulher, o que implica na consideração ao aspecto da sexualidade humana.

Esse texto bíblico foi escrito por volta de 586-538 a.C. e nele o autor afirma que Deus modelou a criatura humana com o pó da terra. Toda a vida, o que inclui a sexualidade humana, tem sua raiz no ato original da criação.

Então Javé Deus modelou o homem com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente. (Gn 2,7)

A palavra pó, poeira ou barro na língua hebraica, de modo particular, nesse texto, indica a poeira fina do campo, usada pelos oleiros na fabricação dos vasos preciosos, das peças mais delicadas. Isso significa que a criatura humana foi criada com o maior carinho possível. Deus a modelou com suas próprias mãos. Como obra da criação, as criaturas humanas encontram-se na condição de merecedoras da bondade e ternura de Deus. (Mesters 1994, p. 19).

Entende-se também que o autor do livro do Gênesis não se referiu ao barro para descrever o modo concreto como a criatura humana foi feita, mas

chamar a atenção para a sua fragilidade; para dizer que a criatura humana vem e depende de Deus, sendo frágil e limitada.

O autor sagrado relata o sono de Adão, durante o qual Deus teria criado Eva. Segundo esse texto:

Javé Deus disse: Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante. Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. (Gn 2,18.21)

Voltando ao aspecto da intenção do autor, não cabe discutir se o homem foi feito de barro ou se a mulher foi ou não tirada da costela de Adão. É uma discussão inútil, porque está fora da intenção do autor, que não é cientista, mas teólogo. Não é essa a preocupação e nem é isso que está ensinando. O que se faz é uma observação teológica, usando comparações populares e adequadas à época. O ato da criação é relatado na Bíblia não no estilo de reportagem jornalística, porém no estilo de reflexão popular.

Deduz-se que o autor não esteja falando de um casal bem determinado do passado: o marido cujo nome era Adão e sua mulher Eva. Não é esse o caso. A expressão Adão e Eva refere-se a todos os primeiros casais viventes no início da raça humana (Mesters 1979, p. 61).

O texto a seguir ressalta que tanto o homem como a mulher participam do poder criativo de Deus:

Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: Esta sim é osso dos meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem. Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à sua mulher, eles dois se tornam uma só carne. (Gn 2,22-24)

A formação da mulher só pode ser compreendida dentro do esquema literário de sabedoria popular. Não se trata de fazer uma leitura no sentido estrito da palavra de que a mulher foi tirada da costela do homem, mas de que foi criada, como o homem, por Deus. Supõe-se que o autor sagrado teria recorrido a tais palavras, reafirmadas com a expressão *ossos dos meus ossos, carne de minha carne* (Gn 2,22), de modo a acentuar a igualdade, a solidariedade e companheirismo entre os dois (Mesters 1994, p. 21).

O fato central em questão é de que Deus é Criador. Criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança. A proximidade entre eles fica expressa nas palavras hebraicas com significado similar para a designação de homem

e mulher: “ish” e “ishshá”, ou seja, varão-varoa ou “homem-homena” (Snoeck, 1981, p.16).

Se o homem e a mulher espelham a Deus, não deve haver desigualdade entre eles, mas sim complementaridade, companheirismo; nenhum é mais que o outro.

Ao usar a expressão *a mulher é auxiliar do homem* (Gn 2,18), o autor sagrado estaria revelando que a mulher deve ser companheira, parceira e complemento. Logo, essa não é uma condição depreciativa; ao contrário. Se a mulher foi formada a partir do homem, ou seja da mesma substância, é tão humana como o homem. Não foi criada para ser submissa ou se submeter a ele, mas sim para estar ao seu lado. É a mulher que dá sentido ao homem e o homem que dá sentido à mulher.

Em se tratando da questão da submissão da mulher, George Feuerstein (1994, p. 59-68) esclarece que este é um fato que passou por diferentes interpretações. Há 30.000 a.C. ou mais, antepassados remotos concebiam a natureza e a divindade como um ente cósmico feminino. Por volta do ano 11.000 a.C., a camada de gelo que cobria grande parte do continente eurasiático, recuou para o norte, expondo uma terra que produzia muitos cereais comestíveis. Houve o aprendizado do cultivo do solo.

Parece que as mulheres tiveram um papel importante nisso. O que elas podiam não saber é que, dentro de um período relativamente curto, o seu gênio inovador faria com que viessem a ser subjugadas tragicamente pelo sexo masculino nos milênios seguintes.

A questão da submissão das mulheres era uma prática existente também no século V a.C. Segundo os estudos de Jaggar e Bordo (1998, p. 251-3) Aristóteles (filósofo grego do século III a.C.) considerava a submissão feminina como natural. Segundo a concepção aristotélica, o macho é mais corajoso e prestativo e através dele a alma é transmitida ao embrião pela secreção masculina portadora da hereditariedade, o sêmen. A secreção feminina não inclui a alma, pois a mulher é comparada a um homem mutilado ou imperfeito. Mais tarde, segundo o relato das mesmas pesquisadoras, Filon de Alexandria, filósofo e rabino do século II d.C. foi quem “implantou” a idéia da submissão das mulheres no mundo Ocidental. Uniu o princípio platônico da alma, ou seja, a doutrina filosófica que considerava a mulher como ser inferior e menos racional que o homem, ao dogma teológico hebraico que julgava a mulher como insensata e causadora de todo mal, pelo fato de ter sido ela, segundo a narrativa do livro do Gênesis, a primeira a “dar ouvidos” à voz da serpente no paraíso, caindo em “pecado”. Isso foi tomando como prova de que a mulher não tem disciplina moral e não consegue controlar suas paixões. A mulher, para tal filósofo e rabino, nascida carnal e sensual, em vez de racional e espiritual como o homem, é constitu-

cionalmente “inferior” e em aliança com o diabo. Essa noção expandiu-se tanto no judaísmo como no cristianismo.

Retomando a questão central sobre a sexualidade, há um outro texto do livro do Gênesis a ser considerado, relatando o seguinte:

A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que Javé Deus havia feito. Ela disse para a mulher: É verdade que Deus disse que vocês não devem comer de nenhuma árvore do jardim? A mulher respondeu para a serpente: Nós podemos comer dos frutos das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Vocês não comerão dele, nem o tocarão, do contrário vocês vão morrer. Então a serpente disse para a mulher: De modo algum vocês vão morrer. Mas Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir, e vocês se tornarão como deuses, conhecedores do bem e do mal. Então a mulher viu que a árvore tentava o apetite, era uma delícia para os olhos e desejável para adquirir discernimento. Pegou o fruto e o comeu: depois o deu também ao marido que estava com ela, e também ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois, e eles perceberam que estavam nus. Entrelaçaram folhas de figueira e fizeram tangas. (Gn 3,1-6)

Com base nesse texto, o pecado de Adão e Eva é frequentemente interpretado como sendo sexual. Porém, o parecer de Mesters (1979, p. 64-7) é que a Bíblia deixa claro não haver nada que relacione esse pecado à sexualidade. Segundo sua análise, o sentido profundo ao qual o autor sagrado se refere trata-se do pecado das origens, ou seja, do pecado da auto-suficiência: eles queriam ser iguais a Deus. O pecado de Adão e Eva é identificado como original porque está na origem de todos os males. Para Mesters, a referência a nudez neste texto, é uma maneira de fazer o leitor se confrontar com o mistério do mal que está presente em cada um; nada diz sobre o teor do pecado; apenas serve para evidenciar a tomada de consciência sobre pecado cometido. Deste modo, a intenção do autor do livro dos Gênesis consistiria em mostrar as principais preocupações das criaturas humanas: Por que existe o mal? Por que a morte? Por que a miséria e a fome? Por que a violência e o preconceito? Por que o desrespeito? O autor sagrado responde a essas perguntas, e conclui: Deus é o autor da vida.

Pode-se concluir também que o que Deus fez pela primeira vez na criação continua a se repetir cada dia na realidade das criaturas humanas. Portanto, a sexualidade continua sendo uma obra perfeita e um dom precioso. Conseqüentemente, entende-se que viver a sexualidade de maneira sadia, feliz e realizada é a missão que o Criador confiou as suas criaturas e que compete a cada um plenificá-la em sua existência (Forcano, 1994, p. 95).

UM AMOR PROFUNDAMENTE HUMANO

A ternura existente na sexualidade humana, na relação mútua entre homem e mulher, é cantada nas diversas formas de amor no Cântico dos Cânticos. Esse livro da Bíblia é uma coleção de cantos populares de amor, usados, talvez, em festas de casamento. Um redator reuniu esses cantos, formando uma espécie de drama poético, e o atribuiu ao rei Salomão. Foi escrito por volta do ano 400 a.C.

O Cântico dos Cânticos tem o valor de ser um poema ao amor e à sexualidade. Além disso, é uma demonstração de rompimento de um preconceito: a mulher sai à noite para procurar o seu amado amante. No Oriente, isso é impensável. Era sempre o homem que levava a mulher escolhida para o seu pai. Aqui é o contrário: a mulher agarra o seu bem amado e o leva para apresentá-lo à sua mãe (Storniolo 1991, p. 19).

O Cântico dos Cânticos é um livro de poesias eróticas. A linguagem e as relações são explicitamente eróticas. Os corpos da mulher e do homem estão expostos e nus de uma maneira tão irreverente que tiveram que ser revestidos de interpretações que lhe domassem o ímpeto (Pereira, 1993, p. 47).

Não se trata de um livro bíblico dos mais conhecidos porém, é lido em diversas ocasiões durante o ano litúrgico como, por exemplo, nas celebrações matrimoniais.

No livro Cântico dos Cânticos é descrita a beleza física e erótica da mulher e do homem. O poema começa e termina com as mesmas palavras *você é bela, minha amada*, num elogio ao corpo da mulher, que naquela época, era visto como sede dos perigos e impurezas.

Como você é bela, minha amada, como você é bela... como você é bela!... São pombas seus olhos escondidos sob o véu. Seu cabelo... um rebanho de cabras ondulando nas encostas de Galaad. Seus dentes... um rebanho tosquiado subindo após o banho, cada ovelha com seus gêmeos, nenhum delas sem cria. Seus lábios são fita vermelha, sua fala melodiosa. Metades de romã são suas faces mergulhadas sob o véu. Seu pescoço é a torre de Davi, construída com defesas: dela pendem mil escudos e armaduras dos heróis. Seus seios são dois filhotes, filhos gêmeos de gazela, pastando entre açucenas. Você é bela, minha amada, e não tem um só defeito! Seus lábios são favo escorrendo, ó minha noiva. Você tem leite e mel sob a língua, e o perfume de suas roupas é como a fragrância do Líbano. Você é um jardim fechado, minha irmã, noiva minha, um jardim fechado uma fonte lacrada. Seus brotos são pomar de romãs com frutos preciosos: nardo e açafraão, canela, cinamomo e árvores todas de incenso, mirra e aloés e os mais finos perfumes. (4, 1-5.7.11-14)